

*Discurso proferido por ocasião da
solenidade de lançamento do Programa
de Informatização das Escolas*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 10 DE ABRIL DE 1997

Meu caro amigo e Ministro Paulo Renato; Senhores Ministros de Estado que aqui se encontram; Senhor Governador do Distrito Federal, Dr. Cristovam Buarque; Do Ceará, Tasso Jereissati; Vice-Governador do Rio de Janeiro, Luís Paulo Correa da Rocha; Senhores Senadores; Senhor Presidente da Comissão de Educação do Senado; Senhores Líderes; Senhores Parlamentares; Senhores Secretários; Senhoras e Senhores,

Hoje vou cumprir o que sempre digo, no início, cada vez que participo de uma cerimônia dessas: falarei quase nada, porque de fato o Ministro Paulo Renato já expôs o sentido desse programa.

Eu tenho, recentemente, me referido, com muita freqüência, à importância de nós nos prepararmos para o desafio do próximo século, para o Brasil poder participar, de uma maneira que corresponda aos seus interesses, desse novo momento da História – que implica uma globalização da economia e que implica, portanto, a nossa capacidade de competir –, e o efeito extraordinário que o sistema de comunicações e a informação generalizada tem tido, até mesmo para o exercício da

cidadania. Tudo isso está sendo concretizado, agora, em termos muito objetivos, pelo Ministério da Educação.

Eu acabei de ouvir, como os senhores todos, a exposição do Ministro Paulo Renato, e que nos mostra, pelo menos duas coisas que são muito importantes: primeiro, que o Brasil, realmente, tomou o caminho decidido de dar acesso, ao conjunto da sua população, ao conjunto dos seus Estados, a novas tecnologias. E isso é importante, porque é o que vai nos permitir enfrentar o próximo milênio com mais confiança.

O segundo também é um aspecto importante: isso é um processo, isso leva tempo, isso não se faz de repente, isso não se faz sem cuidados preliminares. Não é milagre. Não se consegue, do dia para a noite, uma transformação radical do grau de informação e da competência específica para o manejo de tecnologias modernas, porque tudo isso requer um aprendizado longo. E a sociedade brasileira sabe disso. E, na medida em que ela sabe também que há rumo e que as coisas estão caminhando, ela entende que não se há de avaliar, de um momento para o outro, o resultado. Claro, oportunamente o resultado terá de ser avaliado, mas é um processo.

E me apraz reconhecer que na área da educação nós estamos em plena atuação para chegar aos nossos objetivos. Nas várias áreas: na educação primária, na educação superior, na educação a distância; na organização de novos textos e novos parâmetros para o livro didático; na melhoria do sistema de distribuição de livros escolares; na melhoria do atendimento da merenda escolar; na transformação do ensino técnico. Eu espero, em breve, que nós possamos tomar certas decisões, das quais já tomei conhecimento, na área do ensino superior; enfim, estamos, realmente – eu tenho repetido essa expressão, mas vou dizer outra vez mais – produzindo uma revolução branca. Revolução branca significa revolução pelo convencimento, significa uma revolução aberta, democrática, e uma revolução vista como um processo e não como uma ruptura abrupta, porque isso não é possível, em matéria educacional, mas é um processo que está, realmente, em marcha, e a compreensão dos senhores parlamentares, com o apoio que têm dado a todas as transformações, é fundamental.

Nós estamos preparando a possibilidade de que o Brasil participe, com mais vigor, desse novo momento das transformações que estão ocorrendo no mundo. Temos a presença do Ministro da Ciência e Tecnologia neste momento em que estamos introduzindo a utilização dos computadores – o treinamento em computador é fundamental porque, na verdade, todo esse processo educativo vai levar à inovação, ao avanço do conhecimento. Nós precisamos aumentar muito o grau de competência específica dos brasileiros na questão da inovação científica e da inovação tecnológica.

Termino lhes dizendo que tudo tem se processado com uma velocidade imensa. Imensa. E nós temos que, também, corresponder a essa urgência. Embora haja um processo que leve tempo, nós não podemos perder tempo.

Eu me recorro, e cada vez que eu digo isso, faço uma referência pessoal – às vezes sou mal interpretado como se fosse dar uma aula, não sei o quê – pois bem, mas é simplesmente o seguinte: em 1971, portanto, há pouco mais de 25 anos, eu estava nos Estados Unidos, em Palo Alto, na Universidade de Stanford; e lá havia uma área reservada, de difícil acesso, e chamava-se assim: Centro de Inteligência Artificial. Havia uma curiosidade muito grande dos que não pertenciam ao Centro de Inteligência Artificial de saber o que eles estavam fazendo ali. Graças a um dos pesquisadores de lá, que era chileno e meu conhecido, eu visitei algumas vezes esse Centro. Se os senhores imaginassem o que era precário tudo aquilo, era um começo da possibilidade da utilização da informática na mecânica, a possibilidade de que, através de certas ordens da informática, os robôs comesçassem a operar. E havia, num dos computadores, uma brincadeira feita por aqueles cientistas, que era de um neurótico, um tipo de neurótico que havia lá, que tinha uma obsessão: a obsessão de que ele era perseguido. Então era possível conversar com esse robô, nesse computador, e ele respondia autonomamente. Tinha certa capacidade de resposta. Inteligência artificial. E num dado momento ele ficava irritado e dizia: isso não é da sua conta, vai embora, eu vou me esconder. Porque ele tinha essa obsessão.

Bom, isso tudo era brincadeira e ninguém imaginava que, 25 anos depois, as fábricas seriam robotizadas, ninguém imaginava que fosse possível haver essa genialização. Vinte e poucos anos depois nós estamos aqui organizando-nos para ensinar as nossas crianças a manejar os computadores. Vinte e cinco anos não é nada, e era muito precário tudo isso.

E se fosse recuar um pouco mais – e o Dr. Pedro Paulo Poppovic é dessa época mais recuada – quando nós fazíamos pesquisas na universidade... Eu me lembro, também, que – permitindo outra referência pessoal – eu utilizava, para as ciências sociais, essas técnicas de computação, eu tinha que ir ao Dr. Vilmar Faria – que foi quem me ensinou algumas dessas técnicas, lá no Chile –, na parte de administração da Faculdade de Medicina, com o Professor Saad, porque só se fazia computação para fazer folha de pagamento. Havia uma máquina que separava as fichas. Separava as fichas e, muitas vezes, se contava à mão, as fichas separadas, no que se chamava holerite, da IBM. Como é que chamava aquela técnica de enfiar um palitinho?

Presidente: Para separar manualmente com um buraco, e se perfurava. Eu só descobri a possibilidade de uma coisa um pouco mais sofisticada por volta de 1967, 1968, na França, onde só no aeroporto de Orly havia um computador que permitia certo tipo de cálculo, porque o computador que havia, que não era computador, era aquela separadora IBM que havia na faculdade, na Universidade de Paris e na de Nanterre. O Dr. Luciano Martins, que hoje é meu assessor, trabalhou comigo nisso lá e eu ensinei o Luciano a mexer nessa separadora, ele não era capaz de fazer automaticamente, tinha que ir a Orly, porque em Orly tinha um computador mais sofisticado, fazia desenhos de estradas e não sei o quê. Isso foi em 1967. Hoje, quem não souber usar minimamente o computador, na escola primária, não vai poder ter acesso a uma qualificação profissional maior.

Então nós temos que andar muito depressa porque, se me permitem dar esses exemplos pessoais, estou cercado de velhinhos aqui, que assistimos ao início dessas transformações, e o Ministro Paulo Renato – que

é bem mais moço, tem mais ânimo – está querendo que todos aprendam depressa aquilo que nós levamos décadas, e confesso que até hoje manejo tudo isso muito mal.

Muito obrigado.

